

**“A CULPA É DAS ESTRELAS”:
MESCLA MULTIMODAL EM POSTAGENS DA UDD²⁷**

Luanda da Silva Gustavo (UERJ-IC)

luanda.uerj@hotmail.com

Sandra Pereira Bernardo (UERJ/PUC-Rio)

sandrapb@terra.com.br

RESUMO

Neste trabalho, são analisadas publicações coletadas em uma página social virtual conhecida como Uerj da Depressão (UDD) à luz da teoria de mesclagem conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002) e da teoria da metáfora conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980; KOVECSES, 2005). Objetiva-se, deste modo, evidenciar o tipo de mesclagem envolvido nas conceptualizações das interpretações dos dados e demonstrar a criatividade metafórica envolvida no processo de conceptualização das interações presentes no cotidiano da universidade. Foram selecionados seis textos multimodais cujo sentido envolve a integração entre imagem e texto. Tais textos pertencem a uma rede virtual de relacionamentos atualizada diariamente, que retrata de forma bem humorada todos os acontecimentos referentes à universidade. A página possui administradores dos diversos cursos oferecidos pela UERJ, porém os mesmos não têm a sua identidade revelada.

Palavras-chave:

Mesclas multimodais. UDD. UERJ da Depressão. Metáfora conceptual.

1. Introdução

Expomos, neste artigo, um estudo acerca das conceptualizações de três postagens da página virtual *UERJ da Depressão* com o propósito de descrever a construção de sentido desses conteúdos em suas relações com o cotidiano da UERJ. Para tal tarefa, serão tomadas como base as

²⁷ O texto deste artigo aborda o conteúdo apresentado em comunicação oral sob o título *Mescla multimodal em postagens da UDD 2*.

teorias da mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002; KÖVECSES, 2002).

A primeira postagem selecionada apresenta uma imagem com várias estrelas de cor vermelha com a sigla do PT, acompanhadas do título de famosa obra que se tornou filme – *A Culpa é das Estrelas*. A segunda imagem exhibe, além desse título junto às estrelas, as imagens dos presidentes petistas – Dilma e Lula – em substituição às fotos dos atores que interpretam os personagens principais da adaptação cinematográfica de *A Culpa é das Estrelas* no material publicitário exibido nos cinemas e nas páginas desses estabelecimentos. A terceira postagem mostra o prédio da UERJ numa ilha

Na próxima seção, serão apresentados os pressupostos teóricos deste estudo; em seguida, passaremos à análise das postagens.

2. *Mesclagem e metáfora conceptual*

O sistema conceptual humano é dotado de significados, tanto simples quanto complexos, que podem ser representados pela interpenetração de conceitos por meio da mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Essa capacidade dos seres humanos possui ocorre a partir de atuações de operações cognitivas básicas, que se relacionam entre si em diferentes contextos e níveis de abstrações: a identidade, a integração e a imaginação.

A capacidade de perceber semelhanças e diferenças entre entidades e objetos, integrando-os em conceitos compreende o conhecimento de mundo de cada um. Contudo, apenas identidade e integração não explicam o significado sem a imaginação, pois é uma condição básica para a mente humana criar situações imaginativas, mesmo sem motivações, com nos sonhos, cenários mentais criados a partir das hipóteses, fantasias e ficções. Lidar com as relações entre as entidades é uma atividade da integração conceptual que funciona no processo do pensamento, quando são percebidos os valores, as funções e os papéis das identidades inseridas numa categoria conceptual determinada pelo contexto comunicativo, situacional, social, cultural etc., com base em experiências vividas e no conhecimento de mundo.

A mesclagem ou integração conceptual é um processo mental que envolve no mínimo a ativação de quatro espaços mentais: input 1 ou espaço de entrada 1 e input 2 ou espaço de entrada 2, por meio dos qual são

acessados conhecimentos envolvidos na construção do significado, espaço genérico, que reúne conteúdos comuns aos dois espaços de entrada, de modo a torná-los disponível enquanto a rede estiver sendo acessada; e espaço mescla, estruturado a partir de projeções de elementos selecionados parcialmente dos dois espaços de entrada. Como apontaram Fauconnier e Turner (2003, p.1), “a essência da operação é a construção de uma correspondência parcial entre dois espaços mentais de entrada” e essa integração é possível a partir de três operações cognitivas: composição, completamento e elaboração.

No espaço mescla, surge uma nova estrutura emergente por meio da composição dos elementos projetados seletivamente dos *inputs*. Essa nova estrutura emergente é completada por estruturas conceptuais que não existiam nos espaços de entrada. O fato de essa nova estrutura ser completada por novos conteúdos pode levar à elaboração de analogias, inferências e raciocínios mais complexos. A elaboração consiste na capacidade imaginativa que a mente humana possui de fazer simulações de acordo com os princípios e a lógica da mescla, gerando novas estruturas.

Assim, a partir das projeções seletivas dos espaços iniciais e das operações cognitivas complexas surge a estrutura emergente como a compreensão da categorização humana atingida por meio da interação conceptual, que é um aspecto eficiente da criatividade humana para compreender novos sentidos. A ativação da mescla requer a ativação de conteúdos de forma otimizada, compactada, para facilitar a compreensão sem sobrecarga de memória. As relações entre processos de raciocínio mais frequentemente ativados na mesclagem são denominados relações vitais.

Fauconnier e Turner (2002) postulam, entre outras, as seguintes relações vitais que são comprimidas para gerar o espaço mescla a partir das ligações entre os *inputs*:

- (i) **Tempo** – como os eventos são temporalmente situados, o tempo pode funcionar como uma relação vital que conecta dois (ou mais) eventos nos espaços de entrada. Na mescla, a relação vital entre esses espaços externos é comprimida, tornando simultâneos eventos distantes no tempo. Toda a trajetória da vida de uma pessoa pode representada por fatos marcantes, como nascimento, formação escolar, casamento, nascimento de filhos, por meio da compressão do tempo de tudo que aconteceu entre um fato e outro.

- (ii) **Espaço** – relação vital muito semelhante ao tempo, no sentido de que os espaços costumam ser comprimidos na mescla. Um exemplo de compressão de espaço seria a comunicação por videoconferência que coloca os participantes numa mesma sala, apesar se encontrarem fisicamente em locais distintos.
- (iii) **Representação** – relação vital que relaciona uma entidade ou evento a outra entidade ou evento que representa, mas pode ser de um tipo diferente. Por exemplo, um professor de física que tenta explicar o sistema solar a uma turma de crianças do ensino médio, usando bolas de ping-pong coloridas para representar o Sol e os planetas em torno do Sol.

Na mescla, a bola de ping-pong amarela pode ser o Sol. A relação entre os espaços externos de *input* com o Sol e com a bola que o representa precisa ser comprimida, originando uma relação vital de *unicidade/singularidade* no espaço mescla (interior), que fornece uma maneira de compreender duas entidades distintas como uma mesma entidade individual na mescla. Isso mostra como uma relação vital entre espaços externos (neste caso, *representação*) pode dar origem a uma relação vital intraespacial diferente na mescla (neste caso, a *unicidade/singularidade*).

Mudança – responsável pela conexão de um elemento em outro, ou um par de elementos em outro, a relação vital de mudança entre os espaços externos de *input* também pode ser comprimida intraespacialmente numa relação de *unicidade*. Em “O patinho feio tornou-se um belo cisne”, a *mudança*, que ocorre ao longo do tempo, é comprimida de forma que um patinho feio e um belo cisne são entendidos como uma mesma entidade.

- (iv) **Papel-valor** – relação vital que liga os papéis aos seus valores. A compressão *papel-valor*, relação entre espaços externos, também resulta em *unicidade/singularidade* na mescla. Por exemplo, a relação entre o papel *rainha* o valor *elizabeth ii* pode ser comprimida na mescla, resultando em *unicidade*, em uma única entidade, que pode ser referida como *rainha Elizabeth II*.
- (v) **Analogia** – relação vital estabelecida pela compressão *papel-valor*. Na frase “A cidade de Brighton é a coisa mais próxima que o Reino Unido tem com São Francisco”, existem duas mesclas pré-existentes em funcionamento ligadas a duas redes de integração distintas. Uma mescla contém o papel *cidade* e o valor *brighton*, a outra mescla contém o papel *cidade* e o valor *san francisco*. Ambas as

mesclas são estruturadas pelo *frame* que relaciona uma cidade cosmopolitana e liberal ao mar. A compressão das relações vitais de papel e valor, através dessas duas mesclas de redes integração diferentes, estabelece a *analogia* entre *Brighton* e *São Francisco*.

Assim, a *analogia* é uma relação vital entre espaços externos mantida entre duas mesclas de diferentes redes de integração. Essas mesmas mesclas servem como entradas para uma terceira rede de integração. Na *analogia*, a nova mescla é comprimida por *identidade*. *Brighton* e *São Francisco* podem ser descritas como "análogas", porque compartilham identidade na mescla.

Em "*My Doom* é o último de uma série de vírus de computador de grande escala disseminado quando se abre um anexo de e-mail", é ilustrada outra maneira com que a relação por analogia entre espaços externos pode ser comprimida: o conceito de vírus de computador consiste em uma mescla convencional que resulta de dois espaços iniciais programa de computador destrutivo e vírus biológico. A relação por analogia dos espaços externos entre programa de computador destrutivo e vírus biológico é comprimida em uma relação categoria na mescla. A relação de categoria é do tipo "A é um B": programa de computador destrutivo é um vírus.

- (vi) **Desanalogia** – a relação entre espaços externos por desanalogia pode ser comprimida no espaço interior como uma relação por mudança. Essa pode então ser comprimida em unicidade/singularidade na mescla. A frase "Meus impostos ficam maiores a cada ano" refere-se a uma mescla de uma série de impostos distintos e desanálogos (diferentes). Como resultado da mescla, a relação entre espaços por desanalogia é comprimida em mudança: na mescla, as diferenças entre as contas individuais recebidas em cada ano são entendidas em termos da mudança como resultado dos aumentos anuais.

Essa relação no espaço interno pode ser ainda mais comprimida em unicidade: na mescla, há um imposto único que continua a mudar e aumentar. Isso mostra como as relações de espaço interior também podem sofrer compressão ("redução") nas relações vitais, facilitando ainda mais o processo de alcance de uma escala humana para compreensão.

- (vii) **Parte-todo** – A frase "Essa é Jane Silva" representa uma metonímia parte-todo expressa por alguém ao olhar para uma fotografia do rosto de uma mulher, porque o falante identifica a pessoa inteira pelo seu rosto. Conceber a metonímia em termos de uma mescla propicia

um quadro mais claro de como a metonímia está funcionando. Metonímias como essas são compostas por dois espaços de *input*: Jane Silva e seu rosto. Uma relação vital parte-todo estabelece esses elementos como contrapartes dos dois espaços de *input*. Na mescla, a relação parte-todo é comprimida em singularidade.

- (viii) **Causa e efeito** – um exemplo dessa relação, segundo Fauconnier & Turner (2002), é a distinção entre toras de madeiras queimando na lareira e um monte de cinzas. Esses dois elementos são ligados em uma rede de integração por meio da relação causa-efeito entre os espaços externos, que conecta a queima da madeira (a causa) com o monte de cinzas (o efeito). A relação causa-efeito normalmente é “empacotada”/atua em conjunto com a relação vital de tempo, que sofre dimensionamento, e de mudança, comprimida em unicidade/singularidade. Por exemplo, imaginar que um falante aponta para as cinzas e profere a frase “Aquele madeira demorou muito tempo para queimar” resulta em uma mescla construída por meio da compressão do tempo para a queima, reduzindo as toras e as cinzas em uma única entidade.

A relação causa-efeito também pode ser comprimida numa relação vital propriedade. Por exemplo, uma consequência do uso de um casaco é que o usuário se matém aquecido. Entretanto, quando se descreve um casaco como “quente”, como na expressão *um casaco quente*, há uma compressão entre a causa de vestir o casaco e o efeito de ser quente. Na realidade, o casaco em si não é quente, mas, na mescla, essa relação vital é comprimida em propriedade do casaco.

- (ix) **Intencionalidade** – relações vitais ligadas à esperança, ao desejo, à vontade, ao medo, à crença, à lembrança e a outras atitudes mentais e disposições direcionadas a/pela essência das pessoas. Tanto ações e sentimentos dos falantes, quanto ações e sentimentos do ouvinte são guiados e interpretados pelas intenções atribuídas a cada situação. A frase “Ele morreu de câncer” carrega um intenção diferente da frase “O câncer o levou”.

Os espaços mentais ativados nas redes de integração são organizados conceitualmente por meio de *frames* e modelos cognitivos idealizados (MCIs). Os *frames* compreendem um conjunto de conceitos relacionados de tal forma que, ao ativar um aspecto de um conceito, outros aspectos tornam-se disponíveis. Um exemplo recorrentemente citado é o conceito de solteiro, que geralmente caracteriza um ‘homem adulto, não

casado' e que jamais seria usado para caracterizar pessoas que nunca se casaram por exercer uma função religiosa, por exemplo. Assim, o conceito de solteiro é empregado num contexto sociocultural em que homens se casam ao atingirem certa idade; logo, o *frame* solteiro evoca todos os aspectos ligados a esse conceito. Portanto, a aplicação do conceito de solteiro ao Papa e ao Tarzan, por exemplo, seria inadequado devido à expectativa cultural de casamento não ser aplicável aos dois.

Conceituados por Lakoff (1987), os MCIs são noções cognitivas estereotipadas. Por exemplo, a noção de solteiro reúne um conjunto de expectativas e conhecimento cultural que constituem o “cenário” para o uso pertinente desse conceito. Como o casamento heterossexual, monogâmico em determinada idade. Essa expectativa é decorrente de uma versão estereotipada da realidade representada no MCI de casamento. Representações cognitivas de base cultural, os MCIs determinam um horizonte de pressupostos para interpretações de conceitos evocados pelas palavras que os nomeiam.

Outro processo de raciocínio que pode envolver o acionamento de mesclas é o pensamento metafórico. Diferentemente dos estudos tradicionais, a metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]) exerce papel fundamental na mente humana, a saber: perceber e experimentar ideias abstratas a partir de vivências com situações e entidades concretas, ou seja, experienciar uma coisa em termos de outra. Essa teoria apresenta dois instrumentos básicos: domínios conceptuais e projeções entre eles. Os domínios são sempre dois, denominados fonte e alvo.

O domínio fonte geralmente é o conceito mais concreto, aquele que representa mais conhecimento, familiaridade; enquanto o alvo é mais abstrato, distante, do qual não se tem muito conhecimento, porém para o qual se busca estabelecer significado de acordo com experiências corpóreas e conhecimento de mundo. Assim noções simples quanto o tempo, o amor, a causa e a moralidade etc. são compreendidas metaforicamente pelo sistema conceptual humano.

Na metáfora o amor é uma viagem, subjacente a uma frase como *Não vamos chegar a lugar nenhum com essa relação*, o domínio alvo amor é compreendido, experienciado, por meio do domínio fonte viagem, através de projeções entre eles que funcionam como espaços de entrada 1 e 2, que, por sua vez, projetam aspectos específicos, fornecendo materiais selecionados parcialmente ao espaço mescla, resultando na estrutura emergente.

Quando se usa uma entidade A para se acessar B, outra forma de pensamento está sendo empregado no âmbito da Linguística Cognitiva: uma metonímia conceptual. Em *Ela gosta de ler o Marquês de Sade*, uma das obras de Sade está sendo ativada por meio do nome do autor. Da mesma forma em *Precisamos de cabeças boas no projeto*, a entidade *boas cabeças* (parte), refere-se a *peessoas inteligentes* (todo), por meio da seleção de uma característica particular que se deseja enfatizar.

Por consequência, a metáfora e a metonímia são processos de natureza distinta. A metáfora consiste em um modo de experienciar uma coisa em termos de outra e sua principal função é a compreensão. Por outro lado, a metonímia apresenta função referencial, ou seja, permite que seja usada uma entidade para representar/acessar outra que se deseja enfatizar, focalizando especialmente determinados aspectos da entidade a que se refere.

Com base nos pressupostos teóricos apresentados, serão analisadas, em seguida, as postagens selecionadas da página virtual *UERJ da depressão*.

3. Mesclas multimodais

A análise será conduzida a partir da reprodução das imagens que envolvem uma construção de sentido por meio do acionamento de uma rede de integração conceptual (ou mesclagem).

3.1. A culpa é da estrela

Na **Fig. (1)**, expomos a imagem postada no dia 9 de junho de 2014 na página UERJ da depressão (doravante UDD).



Fig. 1 – Mescla *A culpa é das estrelas*. Fonte: UDD (9/6/2014)

O título da postagem *A culpa é das estrelas* possibilita o acionamento de elementos acerca da obra literária do autor John Green, que se

tornou um dos filmes mais vistos no Brasil no ano de 2014 (lançado em junho de 2014). O livro conta a história de uma adolescente, chamada Hazel Grace, que sofre de câncer. Porém, mesmo em fase terminal, devido à eficiência do médico que lhe acompanha, a metástase foi controlada por uma droga experimental, possibilitando à enferma mais alguns anos de vida. Por consequência do “destino”, a jovem conhecerá um rapaz chamado Augustus Waters, que também sofre com a doença, em um núcleo de apoio às crianças com tumores malignos. A partir de então, tornam-se amigos, se apaixonam e descobrem o amor e a felicidade que podem existir enquanto lutam contra a enfermidade.

Provavelmente em razão do recente lançamento do filme, um dos administradores da página postou a imagem de várias estrelas do partido político PT abaixo do título da obra de Green adaptada para o cinema, permitindo aos visualizadores da página a ativação de uma relação entre a culpa das estrelas como símbolo do destino que afeta a vida das pessoas e os acontecimentos que antecederam a Copa do Mundo na cidade do Rio de Janeiro. Além das manifestações contrárias ao evento, a universidade teria seu semestre interrompido. A configuração da rede proposta para o sentido postulado encontra-se na **Fig. (2)**.

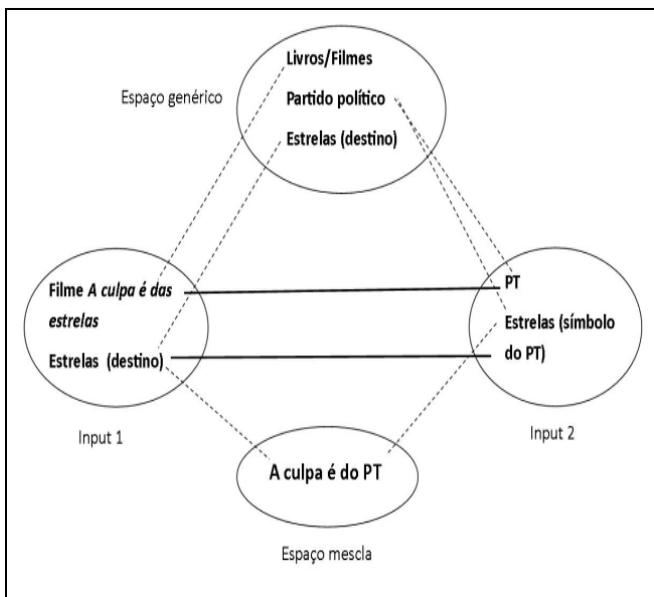


Fig. 2 – Mescla A culpa é do PT

A relação estabelecida entre a imagem e o título do filme servem como gatilhos para ativação de conhecimentos que configurarão os espaços mentais de *input* 1 e 2. O primeiro será estruturado por elementos relativos ao filme, como seu título e a simbologia das estrelas como agentes do destino da vida dos personagens. O segundo espaço inicial ativa elementos relativos ao PT (Partido Político dos Trabalhadores), cuja representação é a estrela vermelha com a sigla do partido. O espaço genérico reúne os elementos ativados pelos dos espaços de *input*: conhecimentos sobre os partidos políticos e suas representações; a simbologia sobre as estrelas e a obra cinematográfica.

Elementos dos *inputs* 1 e 2 serão projetados seletivamente no espaço mescla, criando o sentido de que a culpa dos acontecimentos ocorridos no início de junho que estavam causando problemas na cidade e na UERJ seria do PT, em razão de seu papel na liderança política do Brasil. Duas palavras do título do filme parecem-nos fundamentais para tal relação: *culpa* e *estrelas*.

O astro natural, estrela, pode ser compreendido como uma representação metafórica para expressar a ideia de destino, que pode proporcionar coisas boas ou ruins à vida das pessoas. Além de tal significado fazer parte do senso comum, o próprio autor do livro, John Green, afirmou, em entrevista, que o título foi inspirado na frase de Shakespeare, “estrelas significam destinos”. Para Green, muitas pessoas sofrem porque não possuem sorte, assim as estrelas têm culpa sim. Afirmou ainda que a sua intenção era escrever um livro sobre como as pessoas vivem em um mundo injusto e sobre a possibilidade de viverem de forma plena, mesmo que não seja do jeito idealizado por elas.

No filme, a ação ruim do destino é a doença de ambos os personagens, as consequências físicas e emocionais que a doença provoca; já as intervenções boas do destino podem ser interpretadas pelas oportunidades que as pessoas adoecidas possuem em adquirir novos aprendizados, de se superarem, de terem mais esperança, fé etc. Tal aprendizado pode proporcionar uma nova visão da vida, uma lição. Assim, na obra de Green, o amor entre os dois adolescentes permite aos jovens viver uma emocionante história de amor e superação, mesmo com os percalços da vida, tirando entusiasmo de onde poderia não mais existir.

Todavia, o fato de tal imagem ter sido postada num momento em que a cidade e a UERJ passavam por situações incômodas, bem como o sentido do verbo *culpar*, levaram-nos a postular uma leitura em que as

estrelas do PT teriam gerado coisas ruins para vida das pessoas: manifestações em geral e contra a copa, paralisações e interrupção do semestre, dificuldade de acesso ao campus. Essa interpretação propiciada pela interconexão entre as estrelas que atuam no destino dos personagens do filme e a estrela símbolo do PT.

Três dias após a postagem da **Fig. (1)**, uma nova imagem mais detalhada sobre o mesmo assunto é publicada na UDD. Dessa vez, exprimindo uma montagem do cartaz para divulgação do filme e dos elementos relativos ao PT e seus presidentes, como se observa na **Fig. (3)**²⁸.

Nessa nova postagem, aparecem fotos dos presidentes Dilma Rousseff e Lula da Silva, ambos do PT, em substituição aos rostos dos atores que protagonizam o filme, além das estrelas que compuseram a imagem da **Fig. (1)**. A montagem sugere novos elementos para a conceptualização de uma crítica ao governo, ao destacar dois importantes integrantes do PT – estrelas maiores que chegaram à presidência, mantendo seu partido no cargo mais alto da política brasileira. A imagem apresenta ainda o apagamento das marcas de plural do título original do filme – ‘*A culpa é da estrela*’ –, e a diminuição da quantidade de estrelas vermelhas com a sigla PT – agora apenas três, uma para cada presidente e uma centralizada acima do título que se inicia com o sintagma *a culpa*.

(a)



(b)



Fig. 3 – Postagem e capa de livro

Fonte: UDD (12/06/2104)

Fonte: www.amazon.com.br

A mesclagem que descreve a construção de sentido da **Fig. (3a)** é apresentada na **Fig. (4)**.

²⁸ Como é comum, após a adaptação para o cinema, haver a impressão de uma nova capa para o livro com a imagem pôster publicitário do filme, conforme ilustramos na **Fig. (3-b)**, baixamos a imagem do referido pôster da livraria eletrônica Amazon.

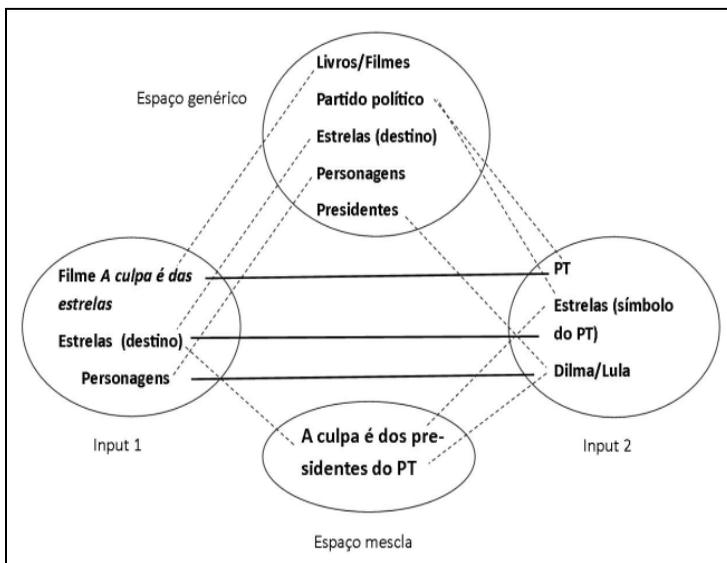


Fig. 4 – Mescla *A culpa é dos presidentes petistas*

Em relação à mesclagem anterior (Fig. 2), novos elementos são introduzidos nos espaços mentais iniciais: no *input 1*, os personagens evocados pelo pôster do filme; no *input 2*, os presidentes *Dilma* e *Lula*. Tais elementos também ficam disponíveis no espaço genérico, para que a rede de integração possa se manter ativa na composição da estrutura emergente do espaço mescla.

Os elementos seletivamente projetados no espaço mescla ativam o sentido crítico da imagem, mostrando que as duas principais estrelas do PT são culpadas pelos transtornos ocorridos na cidade do Rio e na UERJ por ocasião da Copa. Pode-se ainda inserir tal crítica num cenário mais amplo, já que há vários problemas relativos à administração petista que deixam brasileiros descontentes. A crítica ao PT é ativada metonimicamente na mescla, via relação parte-todo, por meio da condução do país por petistas há três mandatos.

As estrelas vermelhas que representam o PT no *input 2* herdam também a simbologia das estrelas como condutora do destino do *input 1*, afetando de forma negativa a vida dos brasileiros assim como a doença que afeta os personagens do filme. Como, diferentemente dos personagens, as estrelas presidenciais do PT são atores de seu destino político, na

medida em que tomam suas decisões, não houve projeção na dos personagens na mescla. Pela mesma razão não houve projeção de parte do sentido do título, já que a culpa é, de fato, da política petista por meio de seus representantes no poder.

Nos dois processos de mesclagem, ocorre a ativação de relações vitais de representação, visto que, nos *inputs*, estrelas representam a simbologia dos astros celestes e o PT. Ocorre também compressão por analogia ao se relacionar o papel das estrelas como guias dos destinos às ações das entidades políticas, como fator determinante na insatisfação de parte da sociedade brasileira.

Percebemos, ainda, a relação vital papel-valor, vista na projeção da segunda imagem exposta em que aparece a atual e o anterior presidente do Brasil, sendo os dois pertencentes ao mesmo partido político. Logo, dado o papel para presidente, *Dilma* e *Lula* vêm sendo os valores para o cargo de presidente desde o ano de 2002, e *presidente* será um valor para *chefe de Estado*; por isso a crítica ao destino orientado pelas estrelas do PT. O longo período representado pelos mandatos de *Lula* e *Dilma* caracteriza também uma compressão de tempo. Como as ações promovem mudanças no Brasil, pode-se conceber uma singularidade, resultante da compressão por mudança causada pelas ações das estrelas-destino do PT ao longo dos anos.

Às postagens das Figuras (1) e (3a), subjazem conceptualizações metafóricas na forma de personificações em estrelas são pessoas que podem controlar ou alterar o destino das pessoas e partidos políticos são pessoas, que podem ser responsabilizados/culpados, via projeção metonímica, por decisões prejudiciais à nação. A analogia entre estrelas e destino pode ser considerada uma concepção da metáfora vida é jornada.

3.2. UERJ é ilha

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro, situada no bairro do Maracanã, localiza-se em uma parte da região Norte que sofre com as fortes chuvas em certas épocas do ano como o verão, por exemplo. A Instituição também se localiza próximo ao Rio Maracanã que, em dias de chuvas intensas, transborda e alaga os lugares em torno. Assim, universidade fica vulnerável a chuvas fortes, que a deixa isolada já que toda a área ao seu alaga com rapidez, como se fosse uma ilha. Assim, funcionários e alunos costumam se ilhados, pois só podem se locomover após escoamento da água. Já houve casos de pessoas dormirem na instituição.

Essa visão metafórica de isolamento devido às enchentes podem ter levado à postagem da **Fig. (5)**, cuja conceptualização é apresentada na **Fig. (6)**.



Fig. 5 – UERJ é ilha. Fonte: UDD

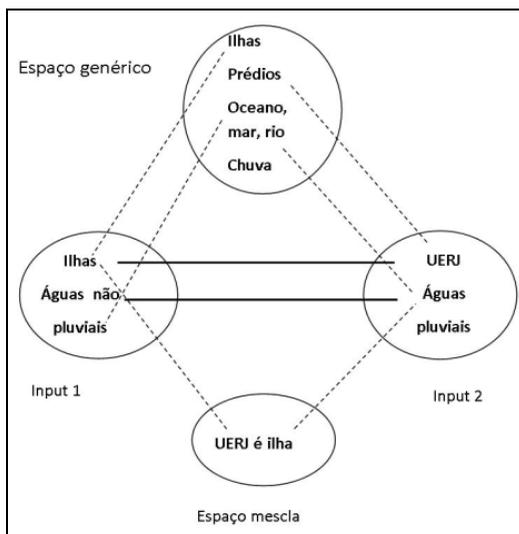


Fig. 6 – Mescla UERJ é ilha

No *input 1*, tem-se o *frame* organizacional *ilha* como uma porção de terra cercada de água de natureza não pluvial, encontrada em rios, mares e oceanos. No *input 2*, têm-se o conhecimento em relação à UERJ em dias de chuvas intensas, como um conjunto de prédios isolados por água

de chuva em sua volta. No espaço genérico, encontram-se nosso conhecimento sobre ilhas, prédios, mares, rios, oceanos e chuva.

Após as projeções das contrapartes dos *inputs* ao espaço mescla, conceitua-se a UERJ como ilha quando chove, deixando os funcionários e alunos ilhados como o isolado pescador do desenho usado na montagem da imagem. Logo, a postagem confere à universidade uma singularidade, em razão da projeção metafórica a UERJ é uma ilha.

Observa-se a compressão da relação vital de espaço, pois a instituição torna-se uma ilha; de causa-efeito, já que o acúmulo de água de chuva em grande quantidade ao redor da instituição leva-a a ser percebida como uma ilha. Outra relação presente na mescla é a de analogia, vista na semelhança de sentido entre uma ilha e a UERJ em dia de chuva.

4. Considerações finais

As três imagens analisadas expressam sentidos diferentes decorrentes das compressões alcançadas por meio dos conhecimentos contidos na memória de longo prazo e das relações que essas estruturas apresentam para a construção de sentido. Todas as conceptualizações envolvem uma importante relação: a intencionalidade, na medida em que, ao realizar a montagem, os administradores da página expressaram uma intenção acerca do que significar.

Portanto, as três imagens apresentadas expressam a importância da mesclagem conceptual na análise de formas de pensamentos complexos, como analogias, ironias e inferências. Por isso, a integração conceptual é uma operação cognitiva fundamental para organizar e descrever o raciocínio emergido a partir de imagens criativas, como as encontradas na página virtual *UERJ da depressão*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão *et al.* (Orgs.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

BERNARDO, Sandra Pereira. *Projeto de pesquisa: Papel da metáfora e da mesclagem conceptual em conversa*. UERJ-SELIC 2013-2015: Rio de Janeiro, 2013 (pdf).

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

_____; _____. *Conceptual Blending, form and meaning*. *Recherches en communication*, n.19, 2003.

FERRARI, Lilian. *Introdução à lingüística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____, George. *Master Metaphor List*. Group University of California at Berkeley. 1991.

_____; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.